

[São Paulo, 15.VIII.15]

Prezado Sr. Colega

Muito agradecido por sua carta do dia 14, que estranhamente chegou já hoje às minhas mãos. Pois é, como tantas coisas neste país, também o correio é imprevisível.

Aqui também pensamos em influenza, mas não pude encontrar nenhum caso que tivesse apresentado manifestações catarrais.

Apesar de todos os esforços nunca consegui obter escarro. Em São Paulo, aliás, o exantema era muito mais freqüente do que em Carioba, onde nosso levantamento registra exantema em 50% dos casos.

Foi registrada também, pelo Dr. Rudolph, uma pequena epidemia em Estrela do Sul (Minas). Comunico-lhe isto caso o Sr. queira, em ocasiões posteriores, continuar acompanhando o assunto. Sim, pois, os clínicos daqui! Bela confraria. Prefiro cultura com K e clínica com K!!¹ Gostaria de perguntar-lhe algo. Sua carta contém uma advertência com relação a minha viagem. Os seus conhecidos [que foram] presos eram médicos? Tanto quanto pude apurar até agora, todos os médicos escaparam ou foram liberados da prisão provisória após apresentarem importantes documentos sobre a autorização do exercício da profissão etc. Em alguns casos em que não foram apresentados documentos comprobatórios ou em que estes deixavam dúvidas, foram liberados assim mesmo, com base em um “exame” de Medicina. Por favor não me considere um obstinado por querer, desde já, transferir-me para aí. Sem considerar o fato de que é aí que tenho que cuidar do meu futuro, tendo já perdido vários empregos por estar fora, e temendo ter ainda maiores prejuízos por causa da minha ausência prolongada, gostaria de viajar logo, pois o clima daqui me faz mal, bem como à minha mulher. Devo confidenciar-lhe que ela está grávida, devendo o parto ocorrer em fevereiro. Primípara, de 36 anos, sem mãe aqui e [sem] conhecidas mais próximas! Isto me causa preocupação! Se ficássemos aqui e se, por exemplo, em dezembro, houvesse paz, ficaríamos novamente retidos por vários meses e a travessia seria muito difícil, por conta da alimentação da criança. Tudo isto seria mais simples se pudéssemos viajar em breve. Por isso gostaria muito de saber se entre os seus conhecidos [que foram] presos

alguns são médicos. O capitão da “infantaria” disse-me que me levaria consigo se meu passaporte fosse visado pelo cônsul inglês daqui ou pelo embaixador da Inglaterra no Rio. Parece que o cônsul daqui o fará. Já que minha mulher jamais partiria daqui sozinha, eu teria então, caso fosse preso, a garantia outorgada pela profissão de que ela estaria amparada. Agora há avanços na Rússia mas, por diversas notícias particulares, que recebi com o último correio, soube que se conta ainda com uma segunda campanha de inverno. Naturalmente reviravoltas internas, em um pacto de paz, poderão precipitar a coisa.

Muitas saudações cordiais

seu dedicado

M. Ficker

¹ O sarcasmo do autor contrapõe o Brasil à sua terra natal: cultura (*Kultur*) e clínica (*Klinik*), em alemão, escrevem-se com K. [N.E.]